

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:

ASPECTOS HUMANOS
E SOCIOAMBIENTAIS

VOL. II

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR
[ORGANIZADOR]



**EDITORA
ARTEMIS**

2022

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:

ASPECTOS HUMANOS
E SOCIOAMBIENTAIS

VOL II

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR
[ORGANIZADOR]



**EDITORA
ARTEMIS**

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Ariston da Silva Melo Júnior
Imagem da Capa	stylephotographs
Bibliotecária	Janaina Ramos – CRB-8/9166

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato, México*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraíva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P712 Planejamento urbano e regional: aspectos humanos e socioambientais II / Organizador Ariston da Silva Melo Júnior. – Curitiba-PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-62-0

DOI 10.37572/EdArt_270822620

1. Planejamento urbano. 2. Planejamento regional. 3. Pesquisa. I. Melo Júnior, Ariston da Silva (Organizador). II. Título.

CDD 333.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O título **Planejamento Urbano e Regional: Aspectos Humanos e Socioambientais** representa uma importante análise nas relações humanas nos grandes centros urbanos, visto que o recrudescimento das populações urbanas acaba desafiando a convivência humana; mostrando muitas vezes condições sub-humanas com falta de infraestrutura adequada e acessível.

O planejamento urbano passa pela adoção de uma nova conscientização da população de como gerir o crescimento urbano, sendo responsabilidade de todos os envolvidos: sociedade, poder público e setor privado. O encarecimento e supervalorização dos centros urbanos colidem com o poder aquisitivo de uma parcela considerável da população. Não é por acaso que segundo dados da Organização das nações Unidas (ONU), mais de 100 milhões de vidas em todo o mundo não possuem um local para viver, trabalhar e educar seus filhos. A ONU vem, inclusive, incentivando projetos preocupados com cidades mais humanas e justas, denominado *smart city*. Pais e mães de família vêm sendo forçados a residir em lotes clandestinos nas periferias das cidades sem o mínimo de infraestrutura digna e necessária para a saúde humana no quesito bem-estar. Se não fosse o suficiente, ainda existe a problemática ocasionada pelo custo dos novos empreendimentos que oneram os valores imobiliários, nesse ponto tornando-se importante a adoção de novas tecnologias e materiais de construção de modo a possibilitar novos projetos arquitetônicos acessíveis à população mais carente.

O volume II de **Planejamento Urbano e Regional: Aspectos Humanos e Socioambientais** tem como missão apresentar a contribuição de pesquisadores e pesquisadoras de diversos lugares, formação e conhecimentos para instigar nos leitores/leitoras que se possa conhecer o que se tem feito pela melhoria das cidades e inspirar novos cientistas engajados com o desenvolvimento sustentável.

É com olhar apaixonado pelo conhecimento e pela troca de ideias e pensamentos que esse livro irá contribuir de forma democrática para que o leitor/leitora possa apreciar e também desenvolver suas próprias ideias e teses para que juntos possamos deixar as futuras gerações cidades mais bem preparadas, dignas e também com olhar humano no social. Possa-se assim construir uma nova mentalidade quanto ao conceito denominado planejamento urbano e regional.

Boa leitura!

Ariston da Silva Melo Júnior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

URBANIZACIÓN Y HABITABILIDAD EN DOS POBLADOS RURALES. MÉXICO

Concepción Sánchez Quintanar

Johana Cruz López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226201

CAPÍTULO 2..... 14

ESCUELA POPULAR DE URBANISMO: COCREANDO LUGARES MEDIANTE METODOLOGÍAS PARTICIPATIVAS DE ANÁLISIS Y DISEÑO URBANO

Marije Van Lidth de Jeude

Oliver Schütte

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226202

CAPÍTULO 3..... 25

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÓMICAS Y DEMOGRÁFICAS: FACTORES RELACIONADOS CON LA POBREZA URBANA Y RURAL EN HUANCAVELICA, 2018

Edgardo Félix Palomino Torres

Kenia Aguirre Vilchez

Rússel Freddy Ramos Serrano

Sinthia Sullca Calderon

Raúl Eleazar Arias Sánchez

Lidia Juscamaita Huamán

Erika Paitan Poma

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226203

CAPÍTULO 4..... 48

O PLANETA URBANO: A PELE QUE HABITAMOS E A CIDADE DENTRO DA CIDADE – SMART CITIES

Adriana Nunes de Alencar Souza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226204

CAPÍTULO 5..... 62

PP4 E A VILA EXPO'98: 20 ANOS DE UMA IDEIA DE DESENHO URBANO

Pedro Luz Pinto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226205

CAPÍTULO 6..... 81

BIM APLICADO NO ESTUDO DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS

Ariston da Silva Melo Júnior

Kleber Aristides Ribeiro

Abrão Chiaranda Merij

Leonardo Gerardini

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226206

CAPÍTULO 7..... 94

PAISAJES INFRAESTRUCTURALES: EL PROYECTO COMO MEDIADOR URBANO EN LAS ÁREAS CENTRALES

Eduardo Bertiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226207

CAPÍTULO 8..... 105

O AGENCIAMENTO DA BICICULTURA ATRAVÉS DOS PROGRAMAS DE CICLOVIAS RECREATIVAS: DEMARCANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

Leandro Dri Manfiolete Trncoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226208

CAPÍTULO 9..... 120

AVALIAÇÃO TÉCNICO-ECONÔMICA ENTRE OS SISTEMAS DE BUBBLEDECK E LAJES NERVURADAS

Ariston da Silva Melo Júnior

Bruno Pereira Santos

Paloma Santos de Barros

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226209

CAPÍTULO 10.....134

GAM(ISMO): EL CÍRCULO VICIOSO DE LA FRAGMENTACIÓN ESPACIAL Y LA SEGREGACIÓN SOCIAL EN LA GRAN ÁREA METROPOLITANA DE COSTA RICA

Marije Van Lidth de Jeude

Oliver Schütte

Florencia Quesada Avendaño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27082262010

CAPÍTULO 11.....147

CONTRA LA ESTÉTICA POSMODERNA: CIUDAD, HISTORIA E IDENTIDAD MANTENER
LAS ÁREAS HOMOGÉNEAS DE NUESTRAS CIUDADES

Iñigo Galdeano Pérez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27082262011

SOBRE O ORGANIZADOR..... 166

ÍNDICE REMISSIVO167

CAPÍTULO 4

O PLANETA URBANO: A PELE QUE HABITAMOS E A CIDADE DENTRO DA CIDADE – SMART CITIES

Data de submissão: 12/05/2022

Data de aceite: 31/05/2022

Adriana Nunes de Alencar Souza

Centro universitário de Brasília
UnICEUB

Brasília- DF

<http://lattes.cnpq.br/8710539266314515>

RESUMO: O presente artigo tem como objeto a cidade e seus dilemas estabelecido entre a preservação da cidade já existente, de valores, cultura e memória de seus habitantes ou construção de um novo núcleo urbano com ideais contemporâneos. Pois é essa pele em forma de espaço urbano que habitamos, é bem como a pele que reveste todas as estruturas de um corpo que serve para proteção e guarda as memórias e marcas dos tempos vividos. O objetivo é evidenciar as possibilidades de renovação urbana em diálogo com a necessidade de crescimento e inovação. Apresentar-se-á o panorama histórico do processo de urbanização mundial. Discorrer-se-á sobre as cidades tradicionais e as *smart cities*, dando enfoque ao Brasil. Por meio de uma metodologia bibliográfica, documental, para tanto serão abordados autores como: Lauro Cavalcanti, Maurice Halbwachs, Jane

Jacobs, dentre outros, e a própria vivência da autora na cidade de Brasília-DF e experiência em Fortaleza-CE.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade tradicional. Cidade inteligente. Urbanização. Memória.

THE URBAN PLANET: THE SKIN WE LIVE IN AND THE CITY WITHIN THE CITY - SMART CITIES

ABSTRACT: The article is about the city. The objective is to present the dilemmas between the growing urbanization and the creation of new cities, sometimes elevated in the dream of other ideal cities without considering the requalification of existing cities. It presents a historical overview of the world urbanization. It is about traditional cities and smart cities, focusing on Brazil. The observational and comparative method, through bibliography, films and documents, besides the author's own living in Brasília-DF and its experience in Fortaleza-CE. It is concluded that it could be so much better to make adjustments in our cities, to transform them, but not to the point of becoming unrecognizable. There is no need for a complete plastic or even an innovative implant. It is necessary to look at them with other eyes and to perceive what enchants or has already enchanted who lives in it. For, we are all heirs of a contextualized culture that provide us the feeling of belonging to the place.

KEYWORDS: Traditional cities. Smart cities. Urbanization. Memories.

1 INTRODUÇÃO

Na busca de uma melhor compreensão do objeto analisado, a cidade, o artigo aqui proposto focaliza um de seus dilemas, estabelecido entre a preservação da cidade já existente, de valores, cultura e memória de seus habitantes ou construção de um novo núcleo urbano com ideais contemporâneos, que conformam demandas por inovações ou será tanto melhor fazer apenas adaptações àquela já existente? De maneira geral, tais dilemas têm sido constatados em razão das carências observadas nos centros urbanos com o surgimento de novos valores emergentes na contemporaneidade que justificam reflexões e estudos sobre a temática.

Sob tal objetivo, a presente proposta de artigo se inicia por um breve contexto histórico da urbanização mundial, passando por um debate sobre as cidades, que marcaram, em suas épocas, por vezes a ruptura com as tradições e mudança de valores difundidos e outras a conservação desses mesmos valores e tradições. Nessa abordagem inicial do campo, o artigo se desdobra a partir de algumas das primeiras propostas de *smart cities*, que, gradualmente, vêm permitindo melhor compreensão do pensamento a partir de diversas experiências dentro do Brasil, perpassando suas primeiras críticas até as crescentes propostas alternativas ao pensamento tecnológico, criativo e inovador vinculados aos valores e à memória das cidades tradicionais até aos dias de hoje expressos no campo da arquitetura e do urbanismo.

Para melhor elucidar a problematização existente, um pequeno trecho de Santos (2011, p. 161) “O espaço impõe a cada coisa um determinado feixe e relações, porque cada coisa ocupa um lugar dado”. De acordo com o autor, o lugar serve para dar o valor do homem que nele vive, seja seu valor como consumidor, cidadão ou produtor, tudo dependerá de sua localização territorial. Já conforme Halbwachs (1990), o grupo é formado, principalmente, por interesses, ordem de ideias e preocupações, que ao mesmo tempo são particulares, sem deixar de refletir a personalidade de cada um dos membros, e gerais, ou ainda, impessoais para manter, assim, seu sentido e importância. Para esse autor, mantemos o equilíbrio mental porque, em parte, os objetos matérias com os quais temos contato ao longo dos dias mudam muito pouco e com isso, nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade. Nesse sentido, quando um acontecimento nos obriga a mudar para outro entorno material gera em nós uma incerteza, uma instabilidade, “tanto é que as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu” (HALBWACHS, 1990, p. 131), por isso, a sensação de estar deixando para trás toda a nossa personalidade.

Em suma, primeira parte do artigo traz uma passagem pela urbanização mundial, em especial no Brasil. Já na segunda parte, é abordada a cidade tradicional em paralelo

com as cidades inteligentes. Na terceira parte discorre-se sobre as cidades ideias, ou seja, aquelas “cidades dos sonhos” e por fim na quarta encontra-se o fechamento do artigo, com uma expressão “à flor da pele”, pois é assim que acabamos sentindo e experienciando a cidade, palco de todos nossos dias, de encontros e desencontros.

A metodologia utilizada partiu da vivência da autora na cidade de Brasília, suas experiências em Fortaleza e por meio de fontes bibliográficas e documentais.

2 CIDADES INOVADORAS E INTELIGENTES

2.1 PLANETA URBANO

As cidades tradicionais brasileiras nasceram de todo um contexto histórico que não deve e não pode ser desprezado. Assim é essa pele em forma de espaço urbano que habitamos, é bem como a pele que reveste todas as estruturas de um corpo que serve para proteção e guarda as memórias e marcas dos tempos vividos. Memórias essas que vem dos antepassados, dos indígenas que aqui habitaram, e mesmo anteriores, pois “ainda é objeto das mais acirradas controvérsias a chegada do homem ao continente americano”. (WEIMER, 2014, p. 1). Ainda que naquelas épocas nosso planeta ainda não fosse o planeta urbano que hoje vislumbramos, os mapas de 1950 até o que se espera para 2030 nas Figuras 1 e 2, mostram a evolução da urbanização no mundo.

Figura 1. Mapa da Urbanização no Mundo 1950.

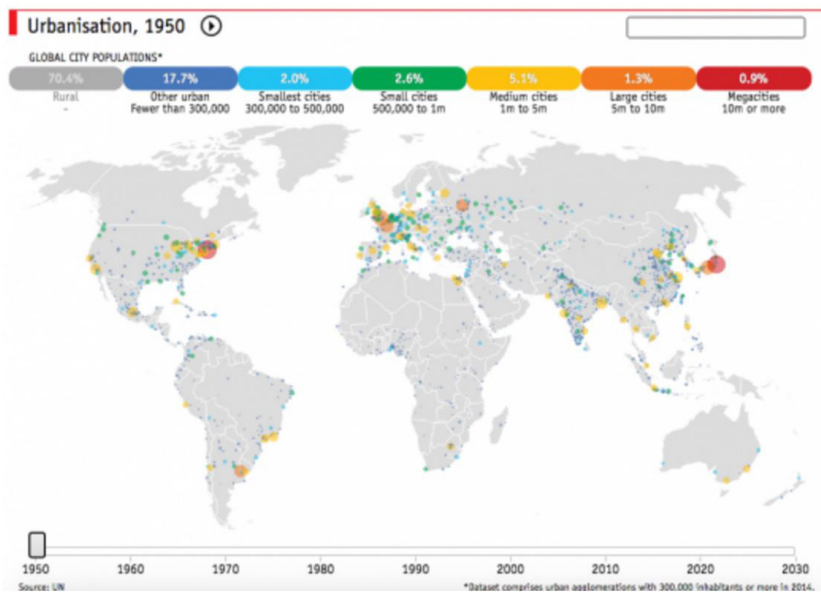
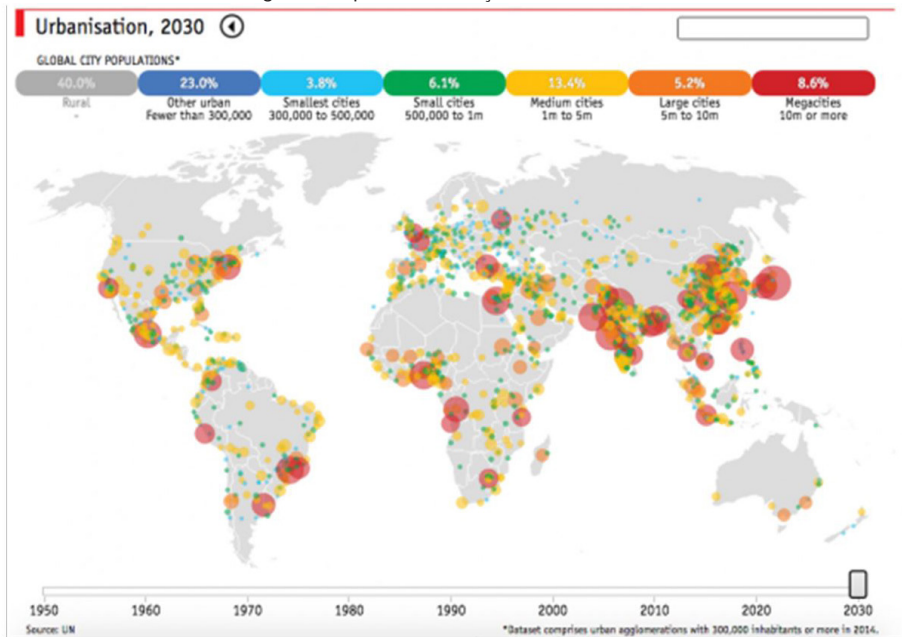


Figura 2. Mapa da Urbanização no Mundo 2030.



De forma geral, a população se concentrava em cidades medianas, correspondentes às que possuem entre 1 e 5 milhões de habitantes. Essa categoria abrangia, na época, São Paulo e Rio de Janeiro, com 2,3 milhões e 3 milhões de habitantes respectivamente. (Gaete, C. M. 2015, p. 1)

Também é possível verificar que os pontos em vermelho que representam as megacidades com 10 milhões de habitantes ou mais cresceram consideravelmente. De certo, éramos um planeta rural quase sem conexões entre os continentes do globo, hoje apresentamos as dimensões histórica, econômica, social, tecnológica, dentre outras em processo intenso de globalização, onde muitas vezes “poderia um bater de asas de uma borboleta no Brasil, causar um tornado no Texas?”. Nunca estivemos tão conectados, a tecnologia nos permite vivenciar um mundo novo a cada dia e nunca estivemos tão verdadeiramente vivenciando a teoria do caos especialmente nas nossas cidades. “Cidade tornou-se uma palavra chave da tribo política, uma palavra de ordem da tribo da mídia, a palavra álibi dos clãs de urbanistas, planejadores, arquitetos, admiradores públicos e de sociólogo que a escrutinam, examinam e/ou pretendem dar-lhe forma. Mas urbanização será sinônimo de produção de uma cidade? [...]. No decorrer de pouco mais de um século, não ocorreu uma evolução banal, mas uma mutação, que mascara a permanência das palavras e topônimos” (CHOAY, 1999, v. 18, p.)

2.2 A PELE QUE HABITAMOS E A CIDADE DENTRO DA CIDADE – SMART CITIES

Ao que Choay chama a cidade de divindade de duas faces, quais sejam mãe castradora, para as classes menos favorecidas essa pele urbana que habitamos com naturalidade e que tratamos por vezes e noutras fechamos os olhos para suas feridas é palco de necessidades constantes, para outras classes mais abastadas existe a possibilidade de um transplante tecnológico em forma de smart cities.

Em 1957, o primeiro satélite era lançado na órbita da Terra. Isso nos oferecia uma posição privilegiada, a partir da qual podíamos olhar para nós mesmos e assinalar o começo de uma nova consciência global, uma mudança dramática no nosso relacionamento com o planeta. (ROGERS, 2015, p. 3)

Nós, seres humanos, sempre sonhamos com a cidade ideal para se viver. Em alguns momentos da história achamos ter atingido essa meta, a exemplo Brasília, uma cidade “monumental” nas palavras de Lúcio Costa, onde “a pureza das linhas remeteria às cidades coloniais, assim como permitiria “inventar a capital definitiva” (apud COSTA, 1995) do futuro brasileiro.” (CAVALCANTI, 2006, p. 211). Outras tantas cidades planejadas com a finalidade de serem adequadas ao sonho, às necessidades dos seus habitantes. Mas, conforme diz Rogers (2015, p. 3) “a sobrevivência da sociedade sempre dependeu da manutenção do equilíbrio entre as variáveis de população, recursos naturais e meio ambiente”. Será que hoje ainda é essa a verdade?

Com o advento da tecnologia, onde a internet conecta os seres humanos com outros seres inclusive com o reino animal e vegetal, de outro modo, mostrando seu habitat, alimentação, modos de vida, etc. Com esse avanço é possível passar 24h conectados em outro universo, conhecer cidades e civilizações, muitas das quais estaremos presentes apenas de modo virtual. Mesmo as viagens que “[...] constituem nossa opção número um para escapar da máquina estressante que é a tecnologia do consumidor” servem para que nos desconectemos do novo universo que vai além desse nosso planeta urbano, “os apetrechos high tech estão disponíveis para todas as necessidades concebíveis”. (NAISBITT, 2006, p. 74-76)

Então por que não se apoderar, se é que é possível, de toda essa maravilha tecnológica criada pela inteligência humana, e levá-la ou trazê-la para as cidades e criar cidades inteligentes? Uma cidade dentro da cidade ou uma cidade que funcione por si só. Porque, talvez, considerar a cidade como uma máquina ou fábrica que trabalha o dia todo, todos os dias incessantemente para produzir os bens e serviços essenciais para vida da comunidade e não como um organismo do qual cada elemento, meio ambiente, fauna e flora, além do que criamos como: veículos, edificações, etc. seja um dos maiores

erros que possamos estar cometendo. Mais uma vez, tomamos emprestadas as palavras de Naisbitt (2006, p. 197) “para muitas pessoas acostumadas a pensar, as tecnologias genéticas são tão assustadoras quanto o desenvolvimento da energia nuclear[...]”. Ou seja, por outro lado, pensar no desenvolvimento dessas *smart cities*, pode em primeiro momento, parecer assustador, afinal no Brasil tem-se poucos parâmetros para elas.

Curitiba, capital paranaense, que seria considerada um dos casos, não da construção de uma cidade nova, mas de adequações feitas para atender os aspectos de gestão urbana, como saúde, meio ambiente e tecnologia, de acordo com notícia publicada no jornal Gazeta do Povo (2016) teve um bom desempenho no ranking Connected Smart Cities e ficou em terceiro lugar depois de Rio de Janeiro e São Paulo, o prêmio leva em conta outros nove aspectos.

O prêmio avalia o potencial das cidades de tornarem-se inteligentes, ou seja, a capacidade do município de produzir respostas aos problemas urbanos. De fazer das soluções polos geradores de desenvolvimento. “Ela não vira inteligente porque comprou um sistema de rastreamento de automóvel. A cidade é um organismo vivo que busca incorporar inteligência, tecnologia para garantir qualidade de vida e sustentabilidade econômica”, explica Thomas Assumpção, presidente da Urban Systems, consultoria que elaborou o ranking em parceria com a Sator. (Piva, 2016, p. 2)

Portanto, uma cidade para ser considerada inteligente precisa muito mais que uma banda larga que conecte todos os pontos da mesma, ou de vídeo vigilância inteligente, com câmeras que identificam determinados comportamentos, como se a vida tentasse repetir a experiência das telas de cinema, quando em *Minority Report - A Nova Lei* de Steven Spielberg, onde é possível prever os crimes antes que aconteçam. “Estamos aqui diante de uma questão sumamente importante a respeito da rua: que oportunidades ela oferece para o crime? Uma rua movimentada consegue garantir a segurança”. (JACOBS, 2011, p. 32-35). Logo, é preciso para ser uma cidade considerada inteligente.

2.3 “CIDADE DOS SONHOS”

Não basta pensar em conexão e segurança tão somente, para começar dever-se-ia, talvez, pensar no modelo de cidade compacta e rejeitar-se o modelo monofuncional. Ou seja, “a questão é pensar e planejar cidades, onde as comunidades prosperam e a mobilidade aumente[...]” (ROGERS, 2015, p. 38). pensar em driblar, também, “guerra dos lugares”, tão brilhantemente debatida por ROLNIK (2015), onde a mercantilização da moradia tem campo vasto e torna a habitação, especialmente social, indigna para seus moradores e aos poucos o perde-se o direito à cidade.

As “*Cities without slums*” que pode ser lido em dois sentidos: tanto como palavra de ordem para acabar com as favelas do mundo, através das remoções e reassentamentos, quanto para “incluir-las” no mercado urbano, através de sua regularização e da formalização de suas atividades econômicas. (ROLNIK, p. 252)

Segundo a autora esses são perigos da imagem fictícia de um pensamento que aparenta ser de um crescimento includente, mas que em verdade busca a terra como ativo financeiro.

O fato é que a ideia de cidade inteligente vem crescendo cada vez mais, o caso mais atual no Brasil é a *smart city* Laguna que vem sendo desenvolvida em Croatá-Ceará, capital de Fortaleza-Brasil, esse é o primeiro caso de uma cidade inteligente, totalmente criada a partir do zero, por assim dizer aqui no país. Os lotes residenciais custam em média R\$ 49.000,00, apesar de parecerem baratos, não são, todavia, acessíveis a todas classes sociais.

Portanto, ainda não se sabe se essa será mais uma “cidade dos sonhos”, se depois de implantada e devidamente habitada os problemas existentes nas nossas cidades serão tão diferentes dos que serão encontrados lá. Será a mais tecnológica, entretanto será que será a mais sustentável? Será que usaremos os nossos aparelhos celulares de forma mais inteligente? Será que haverá emprego e moradia para todos? Ou será que ainda será que seus moradores ainda dependerão daquela antiga pele, aquela cidade em que passou grande parte da vida, ou apenas um pequeno tempo, mas onde criou laços? Será que quem optar e tiver condições financeiras obviamente de adquirir um terreno e lá construir sua nova casa guardará as lembranças memoráveis, assim como muitos de nós, guarda de sua cidade natal e a partir desse novíssimo e recém-criado modelo de vida formará memórias e não sentirá grande vontade de adaptar a arquitetura do lugar as suas origens, tradições e crenças? Será novo assim só o urbano e as relações com a cidade? Ou mudar-se-ão as relações sócias e a arquitetura, também, e com isso tudo será diferente?

É certo que “cada geração precisa reinventar suas instituições públicas e criar outras novas.” (ROGERS, p. 79). Por conseguinte, também, é correto afirmar que “todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada sociedade produz sua própria espécie de estranhos [...]. (BAUMANN, 1998, p. 27) As cidades, geralmente, são definidas como sendo o lugar onde estranhos se encontram, permanecem próximos sem deixar, no entanto, de serem estranhos. E compartilhar esse espaço urbano com estranhos e mesmo conviver proximamente, “é “repugnante e impertinente” os habitantes das cidades tendem a considerar como uma sina da qual não podem escapar, “e, faz-se necessário encontrar um modo vivendi que torne a coabitação palatável e a vida suportável”. (BAUMANN, 2004,

p. 92). Com isso, “o espaço impõe a cada coisa um determinado feixe de relações, porque cada coisa ocupa um lugar dado”. (SANTOS, 2013, p. 161) De acordo com Santos (2013), o lugar serve para dar o valor do homem que nele vive, seja seu valor como consumidor, cidadão ou produtor, tudo dependerá de sua localização territorial.

[...]

Por isso, mãe.

Só me acorda quando o sol tiver se posto.

Eu não quero ver meu rosto antes de anoitecer.

Pois agora lá fora,

O mundo todo é uma ilha.

á milhas, e milhas, e milhas.

Nessa terra de gigantes.

Que trocam vidas por diamantes.

[...]

(ENGENHEIROS DO HAVAI, Terra de Gigantes, 1987)

Será que nessa nova opção de cidade não haverá pobreza, favelas, mendigos, todos serão iguais e terão os mesmos direitos? Por enquanto são incógnitas. Só é possível dizer que “a reconstrução cultural tem limites que nenhum esforço poderia transcender”. (BAUMANN, 1998, p. 29). Ainda nas palavras do ator (1998, p. 163), dirão talvez, “esses eram os notórios pontos principais da noção de cultura na época cunhada, assim como tácitas, mas incontestáveis, pressuposições que a dotavam de sentido. Lembrando que, enquanto a mixofobia for a fonte de angústia e de insegurança, os problemas das cidades contemporâneas não podem ser resolvidos, simplesmente, reformando-se os próprios centros urbanos, ainda que seja feita uma reforma radical, pois o problema é global e não local. Assim, conforme Baumann (2004), antes das reformas urbanas deve-se proceder a uma reforma das condições de existência, caso contrário aquelas reformas serão tão somente placebos. Fato esse que deve ser considerado não para desmerecer a boa arquitetura ou planejamento urbano adequado, mas para, de alguma forma, trazer uma nova perspectiva à tarefa que inclua todos os fatores que direcionem a uma escolha mais acertada.

A seguir duas Figuras 3 e 4 que poderiam estar muito distantes de serem parecidas, pois a primeira se refere ao plano urbanístico da primeira cidade inteligente que será criada no Brasil e a segunda, diz respeito a imagem da cena de ficção do filme Pequena grande vida, na hora em que os moradores da cidade tradicional de Omaha, vão conhecer a proposta de mudar-se para uma microcidade chamada Lazerlândia. Caso optassem por ir viver nessa nova cidade teriam seus gastos reduzidos e poderiam desfrutar de toda comodidade e qualidade de vida antes impossíveis de se obter. Bastaria que reduzissem o tamanho de seus corpos para caberem no modelo de vida do lugar. E como é uma cidade

com menos de 10 vezes o tamanho de uma cidade comum, então seria mais sustentável, totalmente mantida pela avançada tecnologia da época, econômica e não poluidora do meio, tendo um pequeno impacto sobre o entorno e uma grande área para crescer. Mas e o entorno qual o impacto teria sobre a cidade e a população? Destarte, a pobreza não deixou de existir fora dessa “bolha”, a marginalização e a degradação ambiental, nenhum dos problemas desapareceu ou se minimizou. “A cidade como artefato humano por excelência, portanto produto de *design* – no sentido amplo da palavra: desejo, desígnio, projeto -, é como um o processo de um projeto mais inteligente que ela se reinventa.” (LEITE at al, 2012, p. 34)

O que as duas figuras têm em comum é o que chama a atenção. Pois todas duas são ideias de criação de uma cidade que utiliza da alta tecnologia como uma forma de solução dos problemas do entorno, dos problemas existentes com o crescimento desordenado das cidades, destruição do meio ambiente, pobreza, etc. A tecnologia pode e deve ser empregada para melhoria das condições de vida no planeta, mas será que ela, assim como pareceram ser os novos materiais após a revolução industrial, serão a “salvação”, ou será que tanto melhor seria olhar para trás, para nossa história em como eram as construções e a vida das pessoas em harmonia com o meio ambiente? Será que ainda é possível fazer isso: transformar nossas cidades, favelas e construções precárias em *smart cities*?

Figura 3. Plano urbanístico da Smart City Laguna em Croatá-CE.



Figura 4. Cena do filme Pequena grande vida.



Não podemos nos esquecer de Brasília, a cidade modernista, planejada e pensada como um uma cidade à frente de seu tempo, mas com algumas feridas ainda de antes de sua inauguração, Paviani (2001), afirma que da época de sua construção, Lúcio Costa, concluiu que no Plano Piloto de Brasília não poderiam ser abrigadas todas as levas de imigrantes, sobretudo os que passaram a trabalhar nos canteiros, assim foram criados núcleos distantes do centro como Taguatinga, o fracasso da ideia de planejamento urbano se mostrou aparente na grande quantidade de núcleos esparsos que surgiram, aumentando e dando um início aterrador a apartação e exclusão social. “O registro e a análise da moradia dos trabalhadores nunca tiveram o destaque necessário, perdendo-se a memória sobre o espaço ocupado pelos pobres. (BONDUKI, p. 42, 2014). Fonte de exclusão e segregação social e urbana, a Capital da República Federativa do Brasil, se encontra como núcleo “fechado e acabado” sem quase nenhuma possibilidade de alteração do plano inicial de sua concepção.

2.4 À FLOR DA PELE

No caso da opção da escolha por adaptar a cidade já existente com toda sua riqueza histórica, social e cultural às novas possibilidades criadas pelo avanço tecnológico. Sua morada/cidade deve lhes trazer segurança e familiaridade, representando os menores danos possíveis à cultura existente antes, mantendo mesmo que em dose homeopática o sentimento de pertença ao lugar, suas memórias. Optamos por sentir os sons, as cores antigas e novas, a cidade com suas importantes, mas não tão extremas contradições, passaríamos a senti-la como é viva e intensa “à flor da pele”. Apesar, de Assmann (2011, p. 317), acreditar que falar em “memória dos locais” seja uma formulação um tanto quanto sugestiva por apontar para uma possibilidade de que os “locais possam tornar-se sujeitos,

portadores de recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos”. Ao citar Cícero - grande teórico da mnemotécnica romana – a autora diz que ele teria uma noção clara sobre o significado dos locais para a construção da memória. Serviriam como partes para construção da memória (*imagens et loci* - figuras e lugares) as primeiras fixariam a afetividade de determinados conteúdos do saber e os segundos a ordenação desses conteúdos e sua recuperação.

Pois, ainda que não possuam em sua essência própria uma memória imanente, os locais fazem parte da construção de espaços culturais de recordação muito significativos. “Por corporificarem uma continuidade de duração que supera a recordação relativamente breve dos indivíduos, épocas e também, culturas, que está concretizada em artefatos”. (ASSMANN, p. 318, 2011)

Por fim, entende-se de acordo com o contexto assinalado que a cidade tradicional, ou seja, aquela pele que habitamos na maioria dos casos não é “ignorante”, mas foi construída sob égide das necessidades, das tradições culturais e das memórias de seus habitantes. Sendo assim, ela não estaria em oposição as cidades inteligentes com suas apropriações tecnológicas.

Tantas vezes a humanidade sonhou com cidades ideais, cidades planejadas para atender a população, gerar melhor qualidade de vida, tantas ilusões foram ao longo do tempo desfeitas. Apesar haver lugares agradáveis, seguros e com qualidade de vida adequados para habitar, essa não é a realidade da maior parte das cidades brasileiras, que se dizer no planeta.

Jane Jacobs lutou pela “renovação urbana” no West Village. Conforme a “Lei Federal de Habitação de 1949, fundos federais foram disponibilizados às cidades para demolição ou reabilitação de áreas destruídas, e ao longo da década de 1950, o Comitê de Favelas de Robert Moses já havia feito jus ao nome, destruindo bairros inteiros de Nova York”. (LEWIN, 2017, p. 1). Caso fossem derrubadas as casas, seria o fim daquela comunidade, de seu “caráter de cidade pequena, suas qualidades residenciais, sua cor local, sua rica herança e seus tons culturais”. Qualquer renovação urbana deveria respeitar a “tradição da vila”.

Moses se via como o construtor de um admirável mundo novo, onde os pobres seriam abrigados em superblocos altos, limpos e uniformes nos arredores das cidades. As favelas imundas que eles desocuparam - “crescimentos cancerígenos”, em suas palavras - seriam derrubadas para dar lugar a parques, centros de artes e vias expressas. Se os inquilinos desenraizados não quisessem se mudar, ou não gostassem das torres arejadas em que se mudaram, muito mal. Como o negociador gelado afirma com calma no filme: “Nosso maior problema é a remoção do inquilino”. (LAWSON, 2017)

Ao ser excluído e ficar à margem da sociedade, o sujeito passa a sustentar uma ordem social, a qual é compelido e sofre muito com esse processo de exclusão social perversa (SAWAIA, 2009). Esses excluídos são todos aqueles que são rejeitados pelos valores da sociedade. E então fica mais uma pergunta, será que ao criar uma cidade que se encontra embutida em uma já existente não se estará criando mais um campo de exclusão social, como se fosse um mega condomínio ensimesmado? O risco que se corre é o de se ter algo como a Figura 5, a favela de Paraisópolis e ao lado o Bairro do Morumbi. Um contraste extremo onde uns tem direitos que outros não tem.

Figura 5. Favela de Paraisópolis e Morumbi: o contraditório bairro-região de São Paulo.



Em suma, não seria tanto melhor fazer ajustes nas nossas cidades, transformá-las, mas não a ponto de se tornarem irreconhecíveis, não é preciso uma plástica completa. É preciso olhá-las com novos olhos e perceber o que encanta ou já encantou em quem nela vive. Manter a custo as relações sociais criadas, muitas vezes, a custo pelos moradores. Pois, “as relações entre os corpos humanos no espaço é o que determinam suas reações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam.” (SENNETT, 2008, p. 15) Assim é a cidade, criamos com ela nossas relações e para que nos apaixonemos novamente é preciso torna-la novamente uma fonte de inspiração, encontros e redescobertas, para que sejam “as cidades dos sonhos”, não dos sonhos ingênuos, aqueles de criação de uma cidade perfeita como em contos de fada,

e criou-se a cidade e lá foram felizes para sempre e ela também repousa sobre toda mansidão, não! Para que sejam cidades inteligentes e inovadoras ao trazerem para todos seus habitantes condições de nela terem uma boa qualidade de vida, sejam eles felizes ou sofram de vez em quando, seja a cidade feliz ou sofra de vez em quando, segundo Sennett (2008, p. 321) “é obvio que primeiras impressões sobre lugares tranquilos e povos felizes são enganosas...e frequentemente preferíveis. De qualquer forma, apesar de falsas, elas nos instruem”.

De acordo com Laraia (2001) a cultura influencia na criação dos modos de vida e nas formas de perceber o mundo, sendo assim, somos todos herdeiros de uma cultura contextualizada e que nos possibilita o sentimento de pertença ao lugar. Essa referência de pertencimento possibilita a construção da identidade cultural. Contudo, a constituição desse espaço simbólico perpassa a diversidade e a multiplicidade dos modos de vida de cada cidadão. É a cultura que influencia individualmente e também cria a representação identitária coletiva. Esse espaço cultural é dinâmico e vivo, acontece nodia a dia de cada um “é a relação dos humanos com o tempo e no tempo” (CHAUI, 2000, p. 373). São as relações sociais na produção dos espaços que criam, baseados em sua cultura, os mecanismos de inclusão e exclusão socio-cultural.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. (2011), **Espaço da Recordação: Formas e transformações da memória cultural**, Unicamp, Campinas, SP.

BAUMAN, Zt. (1998), **O mal-estar da pós-modernidade**, Zahar, traduzido por Mauro G. e Gama, C. M., Rio de Janeiro, RJ.

_____. (2004), **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**, Zahar, Rio de Janeiro, RJ.

BONDUKI, N. (2012), **“Os pioneiros da habitação social: cem a anos de política pública no Brasil”**, *Ensaio Sobre o Conceito de Cultura*, Zahar, Rio de Janeiro, RJ.

CAVALCANTI, L. P. (2006), **Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura**, Zahar, Rio de Janeiro, RJ.

CHAUI, M. (2000), **“O mundo da prática, a cultura”** in Ática (Ed.), *Convite à filosofia*, São Paulo, SP, pp. 367-78.

CHOAY, F. (1999) **“O reino do urbano e a morte da cidade”**, Traduzido de Kavakama, E. B., Proj. História, São Paulo, SP, No. 18, maio, pp. 67-89.

Fontes: Figuras 1 e 2 Gaete, C. M. (2015); Figura 3 Lawson, w. (2017); Figura 3 Revista Exame, *Smart city laguna é citada pela revista exame*, ., Disponível em smarcitylaguna.com.br/cidades-inteligentes-trazem-maior-eficiencia-diz-especialista/; (Consultado em 22 Abril 2018) Figura 4 Payne, A. (2018) e Figura 5 Vieira, T. (2012).

GAETE, C. M. (2015), **“Mapa da urbanização no mundo entre 1950 e 2030”**, Traduzido por Julia

- Brant, Disponível em: www.archdaily.com.br/br/763172/mapas-a-urbanizacao-no-mundo-entre-1950-e-2030 (Consultado em 22 Abril 2018)
- HALBWACHS, M. (1990), **A memória coletiva**, traduzido por Beatriz S., Centauro, São Paulo, SP.
- JACOBS, J. (2011), **Morte e Vida de Grandes Cidades**, 3. ed., Wmf Martins Fontes, São Paulo, SP.
- LARAIA, R.B. (2001), **“A cultura condiciona a visão de mundo do homem”** in Laraia, R.B. (Ed.), *Cultura: um conceito antropológico*, 14. ed., Zahar, Rio de Janeiro, RJ, pp. 67-74.
- LAWSON, w. (2017), **“The woman who saved New York City from superhighway hell”**, Disponível em: www.vanityfair.com/culture/2017/04/jane-jacobs-citizen-jane-documentary (Consultado em 22 Abril 2018)
- LEITE, C. e Awad, J. D. C. M. (2012), **Cidades sustentáveis, cidades inteligente: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**, Bookman, Porto Alegre, RS.
- LEWIN, j. (2017), **“How Jane Jacobs fought ‘urban renewal’ in the West Village and won”**, Disponível em: <http://beta.nydailynews.com/new-york/jane-jacobs-fought-urban-renewal-west-village-article-1.2962679> (Consultado em 23 Abril 2018)
- NAISBITT, J. (2006), **High tech, high touch: a tecnologia e a nossa busca por significado**, 3rd Ed., Cultrix, traduzido por Eichenberg, N. R., São Paulo, SP.
- PAVIANI, A. (2003), **“Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise”**, Revista Território, Ano VII, No. 11, 12 e 13, set./out., pp.
- PIVA, N. (2016), **Curitiba fica em terceiro em ranking das cidades inteligentes**, Disponível em: www.gazetadopovo.com.br/curitiba/curitiba-fica-em-terceiro-em-ranking-das-cidades-inteligentes-0969jr35coecf3kokxdkf6ipk (Consultado em 22 abr 2018)
- ROGERS, R. e GUMUCHDJIAN, P. (2015), **Cidades para um pequeno planeta**, Gustavo Gili, traduzido por Anita R. D. M., São Paulo, SP.
- ROLNIK, R. (2015), **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**, Boitempo, São Paulo, SP.
- SANTOS, M. (2011), **O espaço da cidadania e outras reflexões**, Fundação Ulysses Guimarães, Porto Alegre, RS.
- _____. (1998), **Metamorfoses do espaço habitado**, Hucitec, São Paulo, SP.
- SAWAIA, B.B. (2001), **“O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão”** in Sawaia, B.B. (Ed.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 11. ed., Vozes, Petrópolis, RJ, pp. 97-118.
- SENNETT, R. (2008), **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**, Bestbolso, traduzido por Marcos A. R., Rio de Janeiro, RJ.
- STEIN, T. (s.d.), **Efeito borboleta: o que é e como está presente em nossas vidas**, Disponível em: www.hipercultura.com/o-efeito-borboleta-em-nossas-vidas/ (Consultado em 22 abr 2018)
- VIEIRA, T. (2012), **Favela de Paraisópolis**, Disponível em: www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-Paraisopolis (Consultado em 23 Abril 2018)
- WEIMER, G. (2014), **“Evolução da arquitetura indígena”**, *20 Congresso de Arquitetos do Brasil*, Fortaleza, CE.

SOBRE O ORGANIZADOR

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR - GRADUADO em Engenharia agrícola e civil pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; com PÓS-DOUTORADO no estudo de sinterização e obtenção de compósitos de terras raras em células à combustível pelo Centro de Ciências de Tecnologia de Materiais (CCTM) e PÓS-DOUTORADO no estudo da poluição atmosférica e a contribuição dos gases de efeito estufa (GEE) no impacto ambiental pelo Centro de Química e Meio Ambiente (CQMA) ambos realizados no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) da Universidade de São Paulo - USP. MESTRE em Engenharia de Recursos Hídricos - Água e Solos no estudo da relação e interferência dos parâmetros ecofisiológicos de macrófitas na depuração de esgoto doméstico na Faculdade de Engenharia Agrícola (FEAGRI) da UNICAMP. DOUTOR em Engenharia de Recursos Hídricos e Energéticos estudando a relação e presença de metais pesados dispersos na atmosfera através da coleta de material particulado PM10 e análise pelas técnicas de reflexão total por raios X e microfluorescência com uso de radiação síncrotron aplicadas às análises pela Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) da UNICAMP. Possui mais de 45 artigos publicados com temática no uso da engenharia e tecnológicas de ponta e alternativas para estudo dos processos de tratamentos de resíduos líquidos, gasosos e sólidos. Autor de 5 livros técnicos e de 2 capítulos de livros na área de engenharia civil e sanitária. Membro da Associação de Engenheiros da SABESP (Companhia de Saneamento Básico de São Paulo) atuou como avaliador e examinador na IBFCRL para concursos públicos na área de engenharia civil e agronomia, além de participar em bancas de mestrado e de concursos na UNICAMP e no IFSP. Adepto do ensino continuado realizou mais de 102 cursos de aperfeiçoamento no ensino superior pela Universidade Federal do Ceará, pela Universidade Estadual do Maranhão e outras IES. Possui mais de 10 anos no ensino superior na Universidade Paulista (UNIP); Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Universidade Braz Cubas e FATEC-SP. Sendo professor nos cursos de Engenharia: Civil; Sanitária e Ambiental; Elétrica; Mecânica; além dos cursos de tecnologia de edifícios; gestão ambiental e arquitetura e urbanismo. Foi coordenador geral do curso de engenharia civil na FMU durante a gestão de 2015-2016. Tem como linha de pesquisa o estudo contínuo de novas tecnologias de tratamento de resíduos sólidos e líquidos para depuração e conservação do meio ambiente, atuando como pesquisador colaborador na USP e UNICAMP.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0010807076892082>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acupunturas urbanas 14, 16, 20

Áreas homogêneas 147, 164, 165

C

Ciclovias recreativas 105, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118

Cidade inteligente 48, 54, 55

Cidade tradicional 48, 49, 55, 58, 64, 68, 69

Ciudades sostenibles 14

Construção civil 81, 82, 85, 89, 93, 120, 133

D

Demografia 12, 25, 30, 46

Derecho a la ciudad 102, 134, 135, 136, 139, 141, 142, 144

Desarrollo urbano 19, 21, 22, 24, 102, 134, 135, 143, 145, 146

Desenho urbano 62, 64, 66, 67, 68, 71, 73, 75, 78

Diseño urbano participativo 14

E

Econometría 25

Edifícios 15, 62, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 87, 92, 95, 100, 120, 144, 150, 155, 156

Engenharia civil 81, 120, 133

Espacio público 18, 19, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 115, 118, 139, 140, 141, 143, 145, 146

Expo'98 62, 63, 64, 65, 70, 76, 78, 79, 80

F

Fragmentación espacial 134, 136, 138, 143, 144

H

Habitabilidad 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 12, 13

I

Identidad 15, 143, 147, 163, 164

Infraestructuras 94, 96, 99, 100, 101, 102

Investigación económica 25

J

Justicia espacial 134, 135, 136, 139, 142, 144

L

Lajes 84, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133

M

Memória 48, 49, 57, 58, 60, 61, 67, 80

Mobilidade ativa 105, 106, 107, 109, 116, 117, 118, 119

Modelagem 3D 81

Morfologia 62, 66, 73

Movilidad 9, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 109, 113, 118, 138, 143, 144

P

Paisaje 2, 5, 15, 94, 138, 147

Patrimonio 29, 63, 108, 109, 113, 147, 164

Perspectivas do BIM 81

Planejamento de cidades 105, 106

Poblados rurales 1

Pobreza 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 56

Política pública 46, 60, 105, 107, 108, 109, 117

Postmodernismo 147, 163, 164

R

Regeneración urbana 14, 16, 22

S

Segregación social 96, 134, 136, 138, 141, 143, 144, 145

Seguridad ciudadana 134, 136, 142

Soluciones basadas en la naturaleza 14, 18, 20, 22, 23

U

Urbanismos tácticos 14, 16

Urbanização 48, 49, 50, 51, 60, 61, 64, 65, 80

Urbanización 1, 2, 3, 5, 12, 47

V

Vila Expo 62, 63, 65, 76

Vivienda 1, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 38, 44, 139, 142, 150, 160